



CINEMA PARADISO

Boletim n. 301

São Paulo, 11 de novembro de 2011.



Próxima Reunião: 20/11/2011 – Domingo às 16 h.

A PELE QUE HABITO

Diretor: Pedro Almodóvar (*)

(*) Nasceu em Calzada de Calatrava, Espanha, em 24/09/1949. É diretor e roteirista. Recebeu muitos prêmios, sendo **Tudo sobre Minha Mãe** seu filme mais premiado (Oscar de Melhor filme estrangeiro 1999, Festival de Cannes, dentre outros prêmios). Ganhou o Oscar de melhor roteiro original, com **Fale Com Ela**, em 2002. Desde o início do Grupo Cinema Paradiso (1995) todos os seus filmes que estrearam foram objeto de calorosa discussão. Foram eles: **A Flor do Meu Segredo** (1995), **Carne Trêmula** (1997), **Tudo Sobre Minha Mãe** (1999), **Fale com Ela** (2002), **Mã Educação** (2004), **Volter** (2006), **Abraços Partidos** (2009). Até uma curta engraçadíssimo – **A vereadora antropófaga** (2009), cuja história se relaciona com a trama de **Abraços Partidos** chamado foi comentado no grupo. Almodóvar tornou-se conhecido pela sua posição contra qualquer tipo de autoritarismo (da Igreja, do estado, da moral cristã), realizando um cinema humanista e irreverente. O humor e o uso das cores fortes são suas marcas. Gosta muito do Brasil, é amigo de Caetano Veloso e de nossa música.

SECONDS, UMA NOVA VIDA

E se pudéssemos adquirir uma nova identidade no decorrer da vida, com fisionomia, documentos, atividade profissional e relacionamentos sociais completamente diferentes dos nossos?

Foi nessa fantasia em que se baseou o diretor John Frankenheimer para criar **Seconds**, seu longa de 1966.

A estória começa com o personagem Arthur Hamilton (John Randolph), um homem de meia-idade, rico, porém completamente insatisfeito com sua vida.

Tudo muda quando é abordado por um amigo que julgava falecido há tempos e que lhe propõe uma mudança radical de vida.

É levado então à uma instalação secreta, laconicamente denominada : "A Empresa" .

Em meio a diversas pessoas na mesma expectativa, é confinado com o intuito de se preparar para uma mudança radical de vida.

Numa entrevista com um misterioso homem chamado de "Sr. Ruby", aceita as regras dessa mudança, assumindo o compromisso de esquecer-se de sua família e identidade antiga.

Um incêndio é forjado para que um cadáver de outra pessoa seja colocado no local, e assim, Arthur Hamilton fosse declarado oficialmente morto, enquanto ele se submete à uma radical cirurgia. Rejuvenescido e com nova fisionomia, surge Tony Wilson (doravante interpretado por Rock Hudson).

Tony Wilson tem uma nova vida. Agora é um artista plástico que mora em Malibu, California. Leva uma vida excitante como artista celebrado e namora Salome Jens (Nora Marcus), uma mulher jovem e muito bonita.

Mas aos poucos, o remorso por ter abandonado sua vida verdadeira, começa a ecoar dentro de si.

Numa festa, se excede na bebida e fala sobre sua vida progressa. É advertido por agentes de "A Empresa" e fica sob suspeita.

Não suportando viver essa mentira, vai visitar sua ex-esposa, alegando ser um amigo do falecido marido (ele mesmo) e após quebrar essa norma de sigilo, é recolhido às instalações da misteriosa organização.

Ele reencontra o amigo que o levou pela primeira vez a essa organização e ambos pleiteiam uma terceira identidade.

O final não é feliz, pois o destino de ambos, insubordinados, é o de morrer para que seus cadáveres sejam usados como *causa mortis* de outros clientes que irão "renascer".

O filme é sombrio, com esplêndida fotografia preto e branco de James Wong Howe, é reconhecido pelos críticos como um Sci-Fi que se mistura ao Thriller. Elementos dessas duas escolas, mesclam-se à psicodelia em voga na época, além de uma certa dose de terror, via influência da produtora britânica Hammer e dos filmes de Roger Corman

A cena da cirurgia plástica de Arthur Hamilton/Tony Wilson (John Randolph/ Rock Hudson) teve *takes* de uma cirurgia de rinoplastia real. John Frankenheimer realizou pessoalmente esses *takes* e, segundo relatos, desmaiou, não suportando presenciá-la.

Outra curiosidade interessante é que **Seconds** trouxe em seu elenco, três atores que haviam sido banidos de Hollywood por conta da perseguição macarthista: Jeff Corey (Mr. Ruby), Will Geer (**The Old Man**) e John Randolph (Arthur Hamilton). Informalmente, Frankenheimer dizia que eles eram os "renascidos da vida real", justificando a metáfora do filme.

Diz-se, à boca pequena, que essa é a melhor atuação da carreira de Rock Hudson, um ator muito contestado pelos críticos.

Luiz Antônio Domingues

Ficha técnica :

Seconds (O Segundo Rosto)

Direção : John Frankenheimer

Ano de lançamento : 1966

Fotografia : Preto e branco por James Wong Howe

Música : Jerry Goldsmith

Produção : John Frankenheimer e Edward Lewis

Elenco :

Rock Hudson, Salome Jens, John Randolph, Murray Hamilton, Jeff Corey, Will Geer e Frances Reid.



MEU PAÍS: DESFRONTEIRIZANDO FRONTEIRAS...

Círculo Vicioso

*Meu país, Meu estado, Minha cidade,
Meu bairro, Minha rua, Minha casa,
Meu quarto, Meu espaço, Minha vida,
Meu continente, Meu mundo, Meu país...*

Marcos Peter Pinheiro Eça

O longa-metragem **Meu País** de André Ristum (Brasil, 2011, 90min) aborda algumas questões fulcrais para os tempos em que vivemos atualmente. Contudo, antes de discorrer acerca delas, iniciarei o texto tratando do título do filme, e dirigindo meu olhar para o pronome possessivo “meu” e o significante “país”. Ao dizermos “Meu país” expressamos um sentido de posse, de pertencimento, de origem, de raízes, de terra... De minha perspectiva, isto é significativo para o filme porque o tema fronteiras é um dos abordados no/pelo filme. Fronteiras que são rompidas nas vidas pessoais das personagens do longa-metragem, especificamente, de Marcos (Rodrigo Santoro) e Giulia (sua esposa no filme) que vem ao Brasil e “deixam” a Itália, mesmo temporariamente. Mas outras fronteiras também são rompidas nas vidas pessoais dos três irmãos¹: Marcos (Santoro), Tiago (Cauã Reymond) e Manuela (Débora Falabella).

A meu ver, fronteiras não existem. Na realidade, elas são construções sociais, representações sociais que poderiam ser comparadas a uma imagem fascinante da matemática, isto é, a uma fita/banda de Moebius². O que quero dizer com isso é que o Brasil é atravessado pela Itália como também a Itália é atravessada pelo Brasil – em seus mais diversos aspectos, não apenas linguísticos como poderíamos pensar em um momento inicial –, ou seja, apesar de as distâncias, de um oceano “separar” esses espaços, os brasileiros – especificamente os das regiões Sul e Sudeste – são um pouco italianos e os italianos um pouco brasileiros: temos nossas subjetividades afetadas de ambos os lados. Devido a esses cruzamentos e descruzamentos, a fita/banda de Moebius é uma metáfora possível a esse filme.

Assim, explorando a imagem dessa fita/banda, posso dizer que no longa de Ristum, nós surgem e precisam ser desatados. Nós que muitas vezes não são apenas nós... dito de outro modo: nós que representam grandes problemas, mas, ao mesmo tempo, acabam produzindo sentidos de felicidade, de doação e de cuidado em relação ao outro e por que não de si mesmo. Dar sentido a nossas mediocres e míseras vidas? Seria este um dos temas do filme **Meu País**? Talvez um pouco mais do que isto! O que efetivamente importa é o fato de tratar-se de um filme de resgates em que um irmão, Marcos, vem da Itália para resolver pendências após a morte de seu pai (Paulo José). Todavia, depara-se com um irmão, Tiago, adicto a jogos e um tanto *bon vivant*, e uma irmã, Manuela, até então desconhecida – proveniente de um relacionamento extraconjugal de seu pai com uma mulher – portadora de uma deficiência intelectual (ela tem 24 anos, mas sua mentalidade é de uma menina de 10). Nesse jogo, nessa fita/banda de Moebius, encontram-se as personagens do filme que além de transitar por espaços geográficos claramente definidos – Brasil e Itália – transitam por espaços de vidas distintos, ou melhor, pela Mansão onde residem e por uma Clínica Psiquiátrica, pela Mansão e por Casas de Jogos, pela Mansão e pela Empresa... Entre o trânsito por esses espaços o filme tece algumas imagens interessantes como as que Manuela faz bolhinhas de sabão e, ao final do filme, brinca com as ondas do mar. Ao ver essas imagens, lembrei-me do filme **Melancolia**, mais precisamente da cena em que soltam balões ao ar

livre após o jantar de casamento de Justine (Kirsten Dunst) e Michael (Alexander Skarsgard). Dizer qual das duas cenas é mais bonita ou menos bonita não me importa. Ambas são sensíveis, comoventes e tocantes de formas distintas.

Não posso deixar de mencionar a interpretação impecável de Débora Falabella no filme. Um trabalho de entrega, de doação no sentido mais completo. Doação que ao final é retribuída por seus dois irmãos – boa interpretação de Rodrigo Santoro e de Cauã Reymond; como também bela interpretação de Paulo José, apesar de pequena – ao levarem-na a uma praia “deserta” e o filme fechar-se de forma tão poética... Débora Falabella faz o papel de uma “monga” – nos dizeres de seu irmão Tiago – e mesmo “monga”, é de uma beleza, delicadeza, sensibilidade inacreditáveis. Ainda sendo uma pessoa com necessidades educacionais especiais, ela canta e canta a música “Exagerado” de Cazuza. Ademais, encontra uma máquina fotográfica que seu pai usara minutos antes de morrer, na qual há lembranças, memórias, resquícios de vida... Na realidade, apesar de Tiago debochar de Manuela quando ele estava jogando cartas no jardim de sua mansão, talvez ela até saiba jogar cartas e melhor do que ele.



Ironia? Talvez um pouco mais do que isso porque seu irmão perde no jogo, na vida... Enquanto ela, a partir do momento em que o filme começa, ganha, primeiramente, um irmão, posteriormente, outro irmão e, finalmente, uma família... assim, como ao final Marcos e Thiago também acabam ganhando essa mesma família.

Fronteiras desfrontereizadas... Família resgatada, apesar de a morte do pai no início do filme... Doação, carinho, afeto, entrega... nos sentidos literais e metafóricos, porque os atores transitam por esses sentimentos e

emoções e o filme aborda esses e outros temas. Enfim... **Meu País**, apesar de não ser uma obra de arte audiovisual, é um filme sensível, humano e tocante que nos faz refletir sobre os relacionamentos no mundo atual e deslocar nossos olhares para o lado, para o outro e, também, para nós mesmos.

Marcos Peter Pinheiro Eça

¹ Apesar de não ter uma relação “imediate/direta” com o filme de Ristum, não posso deixar de mencionar o clássico **Rocco e seus irmãos** (Rocco i suoi fratelli, Luchino Visconti, 1960) por ser um filme italiano e abordar a saga de cinco irmãos.

² Uma fita/banda de Moebius é um [espaço topológico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius) obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta numa delas. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius acesso em 13/10/2011. Abaixo reproduzo a imagem para que tenham ideia de como ela é:



Em: <http://www.google.com.br/imgres?q=fita+de+moebius&um> acesso em 13/10/2011

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Um Conto Chinês</i>	9,25
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Palhaço</i>	8,64
<i>Meu País</i>	8,64

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma/ Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com